

# O PROGRESSO CATHOLICO

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA.

Agrupada em torno da mais ampla de todas as bandeiras, da bandeira catholica, surge hoje na estacada da imprensa portugueza uma nova pleiade de voluntarios.

Se a pragmatica jornalistica exige de nós o gratissimo dever de consagrar as primeiras linhas d'este primeiro numero a fazer ao publico as nossas officiosas apresentações, e a exprimir-lhe o nosso muito saudar, não demanda, todavia, dos recém-chegados nem credenciaes nem emphaticos programmas.

Fôra subejidão.

As nossas credenciaes são a dedicação, absoluta do soldado que offerece o braço á mais nobre e pujante das causas, pouco seguro da sua pericia, seguro da sua consciencia.

O nosso programma é o nosso titulo. Titulo franco como as intenções que nos animam, basta interrogal-o para eucontrar na sua mesma enunciação uma cabal resposta. N'elle se compendia e formula o pensamento da nascente redacção.

*Progresso Catholico* significa uma affirmação, um proposito, e uma esperanza.

Affirma a cessação da ignavia estultamente apathica que nos esphacelava, e a existencia de um recente movimento catholico portuguez, repleto de vitalidade, e cada vez mais crescente.

Implica o proposito, ou melhor, o acendrado anhelos que nos impulsiona a terçar, pela imprensa, esse bello movimento ascencional na esphera da immutavel verdade christã.

Revela uma esperanza, aquella que nos peitos crentes sobrenada, virgem e poderosa, a todos os desbaratos do coração desilludido; a esperanza do triumpho da verdade fecunda sobre o nihilismo do erro, pela progressiva irradiação que ejacula das travas da cruz.

Sem embargo, não nos farão hojar a face, nem empertigar o collo jactanciosas promessas. Não as trazemos.

A muito aspiramos, pouco fiamos das nossas forças. Preferimos crer no nosso porvir a affiançal-o.

Se alguém, ainda assim, nos perguntasse quem somos e a que vimos, respon-

der-lhe-hiamos, não carecendo de erguer a vizeira, porque a trazemos bem erguida: Somos catholicos sem sobrenome algum; catholicos sem decotes nem serzaduras postiças; d'uma só peça. Vimos bivacar ao lado de nossos irmãos de campanha, para pugnar com a portiosa coragem que dão as convicções, pelo sagrado mampio da fé, e pelos imprescriptiveis direitos d'aquella religião que, qual pyramide dos seculos, tem no symbolo tradicional a sua base granitica e no Pontifice romano a sua cuspide visivel.

Os homens do arrasamento não se lograrão de proseguir a sós na obra demolidora, ao passo que com cantos de sereia embalam a plebe sempre ignara e nesca. Já não é d'agora que os braços que descem para destruir n'este nosso Portugal se cruzam com os braços que se alçam para edificar.

Manejai, manejai, o camartello pulverizador; nós hombreamos a nossa porção de cimento para os muros que se levantam.

Desdenhar o repto não o desdenharemos, quando parta das linhas adversas; mas uma vez por todas declaramos que nunca nos rojaremos, como os escravos da antiga Roma, pelo pó do circo. Confessamo-nos boçaes em *gentilezas* de calão de bodega, e para grotescas evoluções de pugilato não temos aptidão nem pendor. Quando, porem, a dignidade bater á nossa porta, ainda que seja para arremessar-nos um cartel hostil, levantai-o-hemos sem odio, e desceremos á liça incruenta da polemica a pleitear a causa de Deus e da Igreja.

Com ser religioso, o *Progresso Catholico* não julga que lhe seja vedado o espaciar ou o respigar pelas varias provincias da sciencia e da litteratura, perfeitamente limitrophes dos dominios da religião. Ha até occasiões em que a imprensa orthodoxa tem de dar-lhes uma especie de hospitalidade forçada para ajustar, corpo a corpo, certas contas com ellas. Demais, na multiplicidade dos assumptos está, ao nosso sentir, a multiplicidade do interesse que haverão os nossos leitores de perpassar as columnas deste periodico.

O que, sim, nos impomos como defeso

ao scópo a que miramos é o vir aqui impugnar ou propugnar facções partidarias. Não nos bandeamos, como jornalistas, em nenhum credo politico, o que não empece acatemos todos quantos libram a arma leal de uma argumentação sizuda pela defêsa de suas convicções politicas.

Optamos por um resultado mais positivo e de maior effectividade do que aquelle que hão conquistado entre nós os que se digladiam obstinadamente em prol d'este ou d'aquella systema governativo.

Apontando acima de todas as peripecias de partidos, instaveis como os homens que os constituem, aspiramos ao nobre e auspicioso labor de identificar os nossos conterraneos na mais solida, estaavel, e bella unidade social, na que sobreestã sempre igual a si propria e sempre unificadora, atravez dos povos, das idades historicas, das civilizações, e das metamorphoses civis, na *unidade catholica*.

Unir é operar a vida ou no seio materno ou no seio da sociedade, e ainda melhormente no do christianismo, dividir é decompôr, e decompôr é o trabalho da morte nas entranhas da terra.

Quando, não obstante, as politicas transcendem a esphera que lhes é peculiar, para invadirem a testada da Igreja e da religião, perderão então nos nossos olhos os seus direitos de inviolabilidade, e reptando pela nossa propria, não ruminaremos termos ambiguos para lhes dizer que usurpam e exorbitam.

Agora, Deus conosco e braço á faina!

S. F.

## SECÇÃO RELIGIOSA

### O sentimento christão nas bellas-artes.

Differentes estrellas serviram de norte ás civilizações extinctas da India, do Egypto, da Assyria, da Grecia e de Roma; ha desenove seculos, porém, que um novo astro se fixou no espaço para alumiar a humanidade até á consummação dos tempos.

A uma sociedade que se esphacelava, Deus estendeu a sua mão benéfica para a rehabilitar.

O Salvador, abrindo as proprias veias, injectou sangue preciosissimo no coração do homem insofrido e agonisante; e uma nova geração foi evocada do cahos.

Ao polytheismo succedeu uma religião toda paz e caridade, que chamou aos inimigos irmãos e nivelou todas as classes sociaes, agrupando-as em volta da cruz, symbolo da redempção. Um código d'amor, manancial uberrimo das mais puras verdades e germen feracissimo das mais acrysoladas virtudes, legado d'um Deus victimado pelo homem, é o novo sol, que acalenta, vivifica, e rejuvenesce as modernas sociedades.

Fixou-se affim o systema planetario do espirito; não mais andará elle errante, como esses astros que vagabundeiam no espaço, parecendo alheios ás lei d'atração e d'harmonia.

Foi então que, sciencias, letras e artes receberam um novo impulso.

O evangelho, complemento da lei e dos prophetas, é o fogo sagrado que sublima o mundo moderno.

E' para este centro de vida que devem convergir todas as nossas tendencias, como ao coração reflue o sangue para receber novo movimento.

Afastarmo-nos d'elle era sermos semelhantes ao naufrago que rejeita a unica taboa de salvação que lhe resta.

Como a limpida veia que, serpentando por entre fragoas, desce o pendor da encosta para levar a abundancia ao valle resequido, assim do alto da Cruz desce sobre nós o orvalho da divina palavra que fecundando nossas almas lhes proporciona um alimento substancial e perenne.

E' pois n'esta fonte dos mais sublimes pensamentos que o cultor das bellas-artistas deve embeber-se d'um espiritualismo elevado, tendo o coração repleto dos mais puros sentimentos christãos.

E' com a vivissima chamma que irradia do Golgotha que elle deve atear o fogo do genio, pois só assim poderá elevar-se ao ideal religioso e moral trazido pelo Crucificado.

O poeta com o seu verbo inspirado, o compositor com as suas notas de divina melodia, e o pintor, o esculptor e o architecto com as cores, contornos e linhas, devem despertar em nós alguma coisa de celestial, fazendo-nos prelibar a felicidade d'um mundo infinitamente melhor.

Depois que o christianismo cravou rai- zes no coração das novas gerações, o bello deixou de ser a simples imitação do que os olhos da carne nos patenteiam.

O realismo nas bellas-artistas, a copia servil da natureza, é um retrocesso a tempos que já lá vão.

Já não é licito fazer consistir toda a belleza ideal só na forma; é mister que a idea, que o pensamento, de que essa forma é como que o vestido e a expressão, nos eleve, nos transporte e nos arbete acima da materia, tornando o homem mais perfeito.

Os artistas do bello receberão então as bençãos das gerações por vir, sendo este o cunho da verdadeira immortalidade.

A idade-media, essa epocha de fé viva e de creanças arreigadas, desconhecendo as obras primas da arte hellenica, e inspirando-se só na divina poesia do Christianismo, soube d'um modo admiravel reunir na cathedral gothica todas as bellas artes em serviço d'essa religião de esperança.

A architectura, com as suas agulhas a ferirem o espaço, parece elevar o espirito até aos umbraes do infinito. A esculptura, recortando de mil formas a pedra e cinzelando as glorias do catholicismo em piedosas estatuas, vem pôr-nos diante dos olhos o pensamento uno que presidiu a essas surpreendentes fabricas. Os inimitaveis quadros das vidraças, deixando atravessar-se por essa luz mysteriosa que convida aos almos prazeres da oração, representam scenas já do antigo e novo testamento, já das vidas dos santos.

Os sons do órgão, reboando pelas arcarias do templo, fazem vibrar todas as cordas do sentimento christão, ao mesmo tempo que os hymnos sagrados, poesia augusta bebida na fonte da mais pura religião, sobem entre nuvens de incenso a offerter ao Supremo Bem a nossa fé e o nosso nada.

E' assim que os artistas d'essa epocha tão injustamente accusada, souberam fazer palpavel o espiritualismo do ideal christão, fundindo todas as bellas-artistas n'um molde de santos affectos e de profundo crêr.

Admirador sincero das obras medievas, porque mais pronunciadamente trazem estampadas a influencia do Christianismo, nem por isso desconheço os grandes serviços prestados pelo Renascimento.

Apurou o gosto, desenvolveu as faculdades estheticas e levou os cultores do bello ao estudo mais attento da natureza.

Apar, porém, d'estes grandes beneficios, que immensos males não carregou!

A imitação servil do modello, o cuidado excessivo da forma, o esmero da arte hellenica, apagou o sentimento christão nos productos das bellas-artistas, que começaram então a paganisar-se, sendo o ideal da moral evangelica suplantado pelo sensua-

lismo, que ressumbra da moral greco-romana.

O estylo gothico, que nasceu no seio do catholicismo e sob o seu influxo se ostentou cheio de encantos, foi substituido pelo estylo classico, que transformou a architectura religiosa n'um bello corpo sem alma; o filho espurio foi preferido ao filho legitimo.

Não se diga que eu me embellezo só da idea despresando a forma. Sendo esta o vestido natural do bello, a uma bella idea deve corresponder uma bella forma.

Nunca devemos, todavia, olvidar que o vestido é o accessorio e que nas bellas-artistas occupa o primeiro logar a inspiração e o pensamento.

(Concluir-se-ha)

P.º F. SANCHES



## A escola sem Deus

### I

Debtem-se ahí dois principios, qual d'elles mais erroneos, ainda que um menos prejudicial que o outro, e são: Dispensar Deus; Querer Deus em tudo. Aquelle é o atheismo, mais ou menos disfarçado; este, o fatalismo, envolvido n'uma falsa idea religiosa: é um abysmo o primeiro, que tem devorado imperios, morto sociedades; é um escolho o segundo, que pôde levar ao primeiro.

Roma dispensou Deus e morreu; o mahometano quer Deus em tudo, por isso não vive e sobre elle tem pezado a mais despotica tyrannia: o christão quer Deus e a liberdade humana, um Deus que premeia e castiga, o homem que tem merito e demerito, virtude e peccado, por isso elle caminha, tem ensinado os povos, produzido a civilização, dado a Deus o que é de Deus e a Cezar o que é de Cezar.

O socialista Hoedel, que tentou assinar o imperador Guilherme da Alemanha, poucas horas antes de ser suppliciado disse ao gendarme que o reconduzia á cella: « Não fiz mal algum. » E tentára assassinar um homem, um homem que o não offendera, um homem, que nem o conhecia, um homem só porque era imperador! Horas depois, quando sabia que a sua vida estava por instantes, que deixaria de ser o que era para ser outra coisa, que já não haveria quem lhe admirasse a coragem de ser espirito forte, respondeu sorrindo a um empregado de justiça, que lhe lembrára se queria fazer exame de consciencia: « Mas se eu não fiz mal algum! » E' conduzido á prisão Mohabit; o capellão Hei-nielle offerece-lhe os seus soccorros espirituales, mas Hoedel preferiu fu-

mar e dormir! O padre não desiste de chamar aquella alma á verdade; vê-a transpor os humbraes da vida e quer que ella viva depois de morto o corpo, deseja lavar em lagrimas de arrependimento as nodos, que lhe vê, e só então pode arrancar ao condemnado as seguintes palavras: «Ah, se eu nascesse n'outra athmosphera, teria acabado d'outro modo! *Nasci atheu e concluirei o meu papel, como o comeci!*» Estas palavras deviam ser liçã para a sociedade; explicam o passado de Hoedel; revelam a causa de seus actos; provam a necessidade de não deixarmos *nascere a mocidade n'uma athmosphera* de atheus; declaram que se *conclue* como se *começa*; demonstram que o atheu é assassino, quando lhe lembra, sem pensar que commette um hediondo crime, porque para elle só ha tribunas humanas, de que é possível fugir; morreu-lhe a consciencia, que responde, depois d'um crime nefando—Não fiz mal algum!—Não ha crime para o atheu, porque a consciencia lhe diz que as leis humanas devem merecer tão pouco respeito como a vida do homem que as fez: porque não conhece leis divinas, não admittindo a existencia de Deus; por que julga igualmente bons todos os meios, que o levem a conseguir os fins.

Mas vós, que já resvalastes para aquelle medonho abysmo, ou estaes proximos a precipitar-vos n'elle, meditao nas ultimas palavras de Hoedel e dizei-nos, se não vedes transparecer n'ellas o quer que seja de cruciante pezar; dizei-nos, se não vódes n'ellas uma queixa contra os que o fizeram *nascere em tal athmosphera*; dizei-nos, se Hoedel não reconheceu que *acabava assim* por ser atheu, que era um desgraçado por ser atheu. E, quando as disse? Quando o clarão da morte dissipava até certo ponto as espessas sombras, que lhe pesavam n'alma. E a quem as disse? Para um padre. Dissera ao gendarme: Não fiz mal algum. Ao empregado de justiça respondera a sorrir: «Não fiz mal algum.» Ao padre, ao ministro da religião, que professa Deus; ao padre de que por vezes escarnecera; ao padre, que só podia fallar-lhe na vida futura e em Deus, lastimára-se, censurava o passado, dava conta da causa dos seus actos, abria o coração.

[Continúa]

A. J. DE CARVALHO.



## SECÇÃO SCIENTIFICA

### Ajuste de contas com o positivismo materialista contemporaneo

#### I

Pouco se escreve e se lê sobre sciencias em Portugal. As obras de litteratura, d'envolta com o jornalismo do mesmo jaez, fazem, por assim dizer, «toda a despeza» da illustração nacional, e constituem o objecto quasi unico de consumo no nosso mercado litterario. Entende-se que a sciencia é cereal demais indigesto para outros estomagos que não sejam os das regiões boreaes, e que os do sul só são aptos para assimilar a poesia riuada ou não.

E' tempo de que este pueril preconceito, que, se não existe em principio entre nós, existe pelo menos na praxe, acabe uma vez por todas. Em presença do immenso movimento scientifico que voluciona a Europa e o mundo, o homem de letras não pode desdenhar a sciencia sem mutilar a propria instrução e adquirir um triste direito a uma ignorancia bem pouco airosa.

Porisso, abrimos desde o nosso primeiro numero uma secção especial aos assumptos scientificos. Serão elles, depois dos religiosos, o objecto de mais interessante leitura que offereceremos aos nossos assignantes.

Estrearemos a presente secção pelo

#### Positivismo materialista.

#### II

Sob o nome de *Positivismo materialista* propomo-nos designar aqui esse systema philosophico, ou, se mais se quer, anti-philosophico, que exaggerando e desnaturando o methodo experimental, proprio das sciencias physicas e naturaes, chega por este caminho á negação da existencia e ainda da possibilidade da metaphysica e da legitimidade real da philosophia.

Para o positivismo materialista não ha outro criterio de verdade mais que a experiencia material e sensivel, não ha outros entes mais que aquellos cuja existencia é attestada pelos sentidos; e as causas primeiras e os entes espirituaes de que nos falla a metaphysica, são phantasmas de uma imaginação delirante, que architecta a seu bel-prazer mundos ficticios, povoando-os de seres hypotheticos e méros entes de razão.

Não ha outros seres reaes alem da *força e da materia*, ou, melhor, não ha

outra realidade alem da materia, a qual, graças á força de que se acha dotada, e lhe é inherente, se desinvolve, se eleva, se aperfeicoa e transforma, produzindo por este modo todos os entes, cuja existencia nos revela a experiencia, tanto a externa como a que chamamos interna ou psychologica.

A materia e a força são eternas, immortaes e infinitas, como o é o mundo, o qual não é senão o aggregado de corpos e phenomenos resultantes da transformação successiva e da circulação perpetua da força como propriedade essencial da materia, sujeita a regras fixas, immanentes, immutaveis. A alma espirital ou racional, como substancia distincta e superior ao corpo, é uma chimera; o pensamento uma simples modificação do cerebro; a liberdade ou livre alvedrio uma decepção. Finalmente, a immortalidade da alma, a vida futura, a criação do mundo, a providencia divina, e a propria existencia de Deus como entidade transcendente, pessoal, superior ao mundo, são hypotheses mentirosas e destituídas de todo o fundamento; palavras sem sentido; *verba, propter eaque nihil*.

Tal o epilogo das affirmações que nos offerece como derradeira palavra da sciencia o positivismo materialista de nossos dias, representado por Feuerbach, Heine, Vogt, e sobretudo por Buchner e Moleschott na Alemanha; por Stuart Mill na Inglaterra; por Conte, Teine, Littré e especialmente Vacherot em França; bem que alguns d'elles se esforcem por manter-se nas espheras do positivismo sem descer ao terreno proprio e explicito do materialismo.

Imprudencia, sem razão, e até temeridade seria negar a importancia do movimento positivista contemporaneo, porque imprudencia, sem razão e temeridade seria negar o que a todos é patente.

Não cabe duvidar de que a escola a que alludimos, ao ressuscitar o vetusto materialismo, ao renovar a lucta contra o espiritalismo, o tem feito e o está fazendo com um vigor, uma attitude de confiança nas suas forças, e, porque assim o diga, com uma sanha quaes difficilmente se encontram nas suas manifestações anteriores.

Com alguma razão se ha dicto que a philosophia atravessa na hora presente uma crise, ameaçada como se acha por essa escola materialista que, já debaixo do nome de positivismo, já debaixo do de sciencia experimental, já debaixo do de doutrina, critica, tende a solapar e derruir as verdades fundamentaes que constituem o alicer-

ce e o fundo da philosophia, da religião e da sociedade.

Não basta, conseguintemente, passar *condamnation du fait* contra o neo-systema subversivo, não basta pronunciar algumas palavras de desprezo contra essa escola, que se adianta sempre mais e mais, de cara descoberta: que apresta soldados para transformar e traduzir em factos practicos e sociaes suas theorias scientificas; que pelo orgão da *Communa* de Paris e da Internacional revela paladinamente para onde vai, o que quer, a que aspira...

Monta que todo o homem de boa vontade, ainda quando seja racionalista, acuda ao campo da honra, pelejando sem tregua nem descanço contra a philosophia materialista que *asphixia a razão humana*.

Monta que o crente e o philosopho christão saiam ao encontro d'essa philosophia que suffoca os *mais nobres sentimentos do coração humano*, e que, acceitando o combate e a discussão, e collocando-se no terreno a que são provocados pelo positivismo, embotem o gume das armas adversas, e ponham d'est'arte a bom recado os grandes, e salvadores principios da razão, da sociedade e da religião.

(Continua)

ZEPHERINO GONÇALVES.

## SECÇÃO LITTERARIA

### I

(Bem gostosamente damos publicidade á seguinte carta que já ha muitos dias receberamos, mas que só agora apparece, por só hoje ter podido sair o nosso primeiro numero).

Cauterets, 27 de setembro  
de 78

Irmão e Amigo.

Tem estado um tempo pessimo, ha tres ou quatro dias E'-me licito duvidar de que saibas o que é um tempo d'esta laia no centro dos altos-Pyreneus. A atmospheria humida e baça peza sobre as palpebras dos hospedes da cordilheira com um pêzo de cincoenta kilogrammas, como o cotovello de Morpheu sobre os olhos do tresnoitado: anda a gente embrulhada em nuvens como n'um capote, e acima, muito acima d'estas vaporosas viajoras que razam litteralmente a terra (em razão da altura enorme em que nos achamos), e nos enfunam o horisonte, apparecem os caprichosos recortes da

crista dos Pyreneus, cuja austera e impassivel serenidade parece estar-se a rir com um riso de pedra, do nosso spleen e da aggravação das nossas molestias.

Do vento e chuva nem te fallarei. N'uma palavra, meu velho, está um tempo intractavel, que condemna cada banhista a encantoar-se no seu quarto, como se encantôa um rato d'Hollanda no queijo.

Sobre a minha banca jaz um par de livros inquietos para conversar comigo. Resignem-se, que hoje não lhes concedo audiencia. Prometti, na primeira que te dirigi, segundar-te noticias minhas; já principia a ser tempo, para quem ficára de o fazer um ou dous dias depois da promessa.

«Não é grande favor que te deva, dirás tu, já que nem podes sair nem teus occupação alguma». Ora enganaste. Nunca eu estou tão occupado como quando não tenho occupação alguma.

Queres saber de que te venho hoje fallar? de Lourdes, thema antigo, sim, e... sempre novo, sempre palpitante de interesse. Julgo que nunca lá estiveste, mas espero que ainda la irás comigo, porque desejo vivamente gozes um d'esses jubilos purissimos e raros na vida, que milhares de estrangeiros tem experimentado em Lourdes, e que estás longe de presumir. A natureza tem perspectivas que nunca enfadam, que renovam de cada vez em nós a grata impressão da primeira vista, qual o aspecto do Oceano; e a religião tambem tem seus Thabores, que, visitados com vezes, nos poem sempre na boca a aspiração evangelica «faz bem á alma estar aqui» *bonum est nos hic esse*.

Veze sem conta se tem descripto a gruta de Lourdes, a rocha Massabièle, a basilica, a crypta, as peregrinações, as esplendidas festividades que alli se fazem; mas nada ainda li sobre o que constitue propriamente a physionomia de Lourdes, nem a sua vida talvez hoje unica no mundo. E para mim tem um attractivo indizível o spectaculo d'uma cidade onde se nhorêa a crença, ressumbra a fé, reina a *Immaculada* no seio d'um seculo e d'uma nação onde por todos os poros está a rever o materialismo. A presente carta traçar-te-ha a *vol d'oiseau* esse quadro, que não tem nem pôde ter outra pretensão mais que a de tentar-te a ires contemplar-lhe o modelô.

Pelas 7 horas da tarde do dia, 27 de agosto passavamos no ferro-carril; o padre Luiz Gomes da Silva e eu, ao longo d'aquella parte do Gave, na margem esquerda do qual, opposta á que atravessavamos, sobrancea a rocha Massabièle, que abraça, como seu

precioso thesouro, a mysteriosa gruta em cujo nicho elliptico alveja a attraente e etherea imagem de Maria.

Por um movimento mais espontaneo e organico que reflectido todos nos chegamos ás janellas do wagão, e saudámos a gruta n'esse momento illuminada, como uma camara ardente, por centenaes de lumes, e acerçada de muitissimos visitantes.

Minutos depois, desciamos do comboio, e comnosco desceram mais de duzentas pessoas de todas as classes e condições sociaes. Então era vespera d'algun dia de festa? Não; era um dia qualquer, vespera de outro dia qualquer. Havia n'aquella noite uma procissão *aux flambeaux*, cousa allí tão vulgar como na tua Lisbia uma sonata no Passeio publico por noites de verão.

Acreditas que andámos por uns tres quartos d'hora a bater mato, em busca d'um hotel, onde podessemos ficar, sem o encontrarmos, apesar de haver em Lourdes muito mais de cincoenta? E' que nos dois dias precedentes o comboio tinha despejado na estação d'aquella cidade a bagatella de tres mil e quinhentos peregrinos.

Ao enfiarmos pela rua central que vai ter ao Gave, havia um vai-vem indiscriptivel de carros, e de gente a pé, que lembrava a proximidade d'um formigueiro de termites. Se a cousa se passasse no Chiado ou na rua do Ouro tudo lhia á janella apreciar o spectaculo pouco ordinario d'uma corrente d'homens; aqui a ordem do dia é esta. A pacifica e obscura burguezia que varre a soleira da sua casa, não se indireita para observar o cordão vivo e sem fim que atravessa a rua.

Ficámos n'uma hospedaria, sita felizmente a poucos passos da gruta, para quem toma pela vereda campestre. Jantámos depressa, e sahimos, para ir visitar a boa Madona, e assistir á procissão nocturna.

Interessante trajecto desde a nossa residencia até ao referido local! Encontra-se uma infinidade de lojas a venderem objectos de mil formas, relativas á apparição; estampas, estatuas, terços, medalhas, etc. Estas lojas são de continuo frequentadas pelos peregrinos, que allí vão comprar alguma ou algumas lembranças de Lourdes, para levar-as ás suas familias e amigos.

Sobre uma loja lê se a seguinte taboleta — A' *Immaculada Conceição* —, sobre outra está pintada em grossos caracteres este letreiro — A S. *Vicente de Paulo*; sobre outra — A *Belem*; sobre outra — A' *Misericordia divina*. Em muitas vê-se em francez o seguinte letreiro — *Ferme le Dimanche*: fecha aos domingos.

Vê-se também identico letreiro em portuguez. Em portuguez! replicas tu bello de pasmo; pois Portugal transpõe a fronteira? ou existe *hoje* além do Alemtejo e do Minho sem ser permutado em hespanhol (1)? A mesma surpresa tive eu: entrei na loja, perguntei á vendedora a historia d'aquelle letreiro. Respondeu-me que como, de ha algum tempo a esta parte, acudiam bastantes peregrinos a Lourdes, pedira a um (distinctissimo) cavalheiro portuguez, que por alli passára (o sr. conde de Samodães), lhe traduzisse na sua lingua o rotulo francez que ao alludido corresponde, o que elle fez do melhor grado.

Não vamos a condemnar de todo Lourdes nem as peregrinações... Para alguma coisa servem, pelo que vejo, que não seja senão para não sermos amalgamados com os hespanhoes, e encontrarmos Portugal fóra de Portugal, apesar de ser a religião que opera que jando phenomeno...

(Continúa).

P.º SENNA FREITAS.

## RETROSPECTO DA QUINZENA

Ao principiar esta esta secção nossas vistas devem fixar-se em Roma, centro de unidade catholica, dando o primeiro logar a factos respeitantes á Igreja.

A peregrinação hespanhola havia chegado á cidade eterna e no dia 19 fóra recebido por S. S. o Papa Leão XIII, que disse no seu discurso aos peregrinos que se felicitava pelas demonstrações de dedicação e affecto filial que lhe davam os que estavam presentes. Elogiou a nobre e gloriosa nação de Hespanha, sempre cheia de fé. Lembrou as gloriosas tradições religiosas dos reis de Hespanha, que tomaram o titulo de «reis catholicos». Fallou com muito encarecimento dos bispos hespanhoes, tão distinctos pela sua piedade, e pureza da sua doutrina. Alludiu ao grande numero de santos que tem a Hespanha. Exaltou a piedade e religião do povo hespanhol, a qual fez nascer muitas ordens religiosas, que tiveram em Hespanha os seus fundadores. Louvou a peregrinação, por se haver posto sob a protecção de Santa Thereza, a qual soube conceber e levar a cabo grandes projectos, apesar da guerra que lhe declararam os inimigos da Igreja. Dis-

(1) E' geralmente sabida a parva mania que teem, hoje em dia, os estrangeiros de fazerem de Portugal Hespanha e de portuguezes hespanhoes.

se que também hoje se agita encarnadamente a lucta entre a verdade e o erro; e que, portanto, é preciso combater valorosamente, sem perder o animo, para se manter a unidade da fé e pureza da religião, a qual contribuirá também para o bem-estar temporal dos fieis, unindo os espiritos e estabelecendo a concordia e paz das familias. Conclue manifestando os seus sentimentos de sollicitudo e affecto pela Hespanha. Deitou a benção aos peregrinos e a todos os catholicos hespanhoes.

Emquanto no Vaticano o venerando Pontifice aconselha a paz entre a familia, entre a sociedade cá fóra, na propria cidade de Roma, e em todas as cidades italianas reina a mais desenfreada anarchia.

São prova do que deixamos dito as noticias que encontramos nos jornaes italianos. O socialismo tenta levantar-se ali ao grito de — abaixo os reis, morram os padres.

Não ha muito que em algumas cidades de Italia fora distribuida uma proclamação que muito desejamos transcrever textualmente: mas não o permitindo o pequeno espaço de que dispomos limitam-nos a fazer uma pequena transcripção que servirá de mostra aos nossos leitores:

«É como a causa principal de todos os males que affligem a immensa multidão de trabalhadores que povoam a vasta superficie do globo é o Estado, a associação internacional pede a destruição completa d'este grande agente do despotismo, e a troca da auctoridade pela anarchia das leis; os contractos da propriedade individual, pela coelibilidade; o matrimonio, pelo amor de Deus; o patriota, pelo homem; a patria, pela universalidade do trabalho....

«Levantemo-nos, ergamo-nos contra os oppressores da humanidade.

Todos os reis, imperadores, presidentes de republica; todos os sacerdotes de qualquer religião, são os verdadeiros inimigos do povo. Façamos desaparecer com elles todas as instituições juridicas, politicas, civis e religiosas. Aniquilemos esta sociedade e façamos que uma nova sociedade appareça sobre a terra.

«Não é raro, diz *La Civiltà Catholica*, ver em muitas cidades, escripto nas paredes e portas das casas com uma insolencia pasmosa as palavras — abaixo os ricos. E os periodicos fazendo-se ecco do que mãos desconhecidas escrevem durante a noite mostram que são animados dos mesmos sentimentos.

«Ao Rinuovamento de Veneza escrevia ha pouco um socialista: No dia

em que seja proclamado o nosso governo, levantar-se-ha a força em todas as cidades da Italia, para n'ellas serem enforcados, primeiro o Rei e o Pontifice, e depois todos os infames senhores; e além do incendio que irromperá do Quirinal, do Pantheon e do Vaticano o povo festejará com regosijo a queda dos seus oppressores e o raiar d'uma nova era de felicidades para a humanidade. Não duvideis; o dia suspirado aproxima-se a passos de gigante.

«Sim, também nós crêmos que se aproxima o dia terrivel.»

Estamos com a excellente Revista de Florença, e crêmos também que o dia terrivel se não fará esperar se os governos se não curvarem ás leis da Igreja. Os Estados tem-se apropriado dos bens da Igreja, e não podemos maravilhar-nos de que a internacional queira apropriar-se dos bens do Estado e dos particulares. São consequencias logicas.

Garibaldi, esse louco que tem os pés tão perto da sepultura, não ha muito que escrevera uma carta em que declarava impossivel a paz enquanto o povo se não levantasse em massa, e não deixasse d'uma vez para sempre de ir á missa.

A' vista de tudo que deixamos escripto, julguem os nossos leitores do estado da *Italia Unida* e se os reis tem ou não motivo para perder o appetite.

Já que tanto nos temos occupado com o socialismo não devemos deixar de fallar da apparição d'um prospecto, guarda avançada d'um periodico, orgão do socialismo e da internacional, que vae publicar-se em Londres, escripto em francez e italiano, com o titulo de *A guerra social*.

Eis alguns bocadinhos, cortados aqui e ali do alludido programma:

«A Guerra Social será um jornal francamente socialista, isto é, tomará por leme a causa dos famintos, contra os que estão saciados, a causa dos opprimidos, que imploram pão e liberdade em troca do seu trabalho, contra os que ambicionam o imperio do mundo sobre montões de cadaveres.

«Não será sentimentalista, porque temos horror á resignação; não será philantropo, porque não queremos caridade legal, e só unicamente esmolos. Confiado em um porvir de justiça e de paz, será inabalavel enquanto durarem as iniquidades sociaes que impedem a vida.

«Não proclamará cousa alguma absoluta e eterna.

«Na importante questão da propriedade, chave da abobada da sociedade

moderna, pronunciar-se-ha abertamente em favor da propriedade collectiva, isto é, em favor da propriedade commum da terra, das machinas, dos instrumentos de trabalho, dando o direito a todos os productores sobre o seu inteiro producto. Serão, por conseguinte, combatidos por nós mesmos o salario, a herança e o juro sobre o capital...

«Revolucionario em toda a acceção da palavra, não ha-de fazer da revolução uma theoria, nem tão pouco um systema abstracto; mas sim a pratica de cada dia. Para conseguir esse fim, fará guerra ás pessoas — guerra encarnçada e de todos os momentos — porque os principios não podem avançar a sós, e as pernas dos homens são as suas proprias pernas. Todos os meios são bons, a nosso vêr, a fim de fazerem accender a lucta e para trazerem consigo a revolução.

«Contrarios ao systema de autoridade, sublevar-nos hemos contra qualquer especie de governo, isto é, contra todos esses iniciadores de politica, que fazem reinar principes para governar os povos e fazem com que existam proprietarios grandes e pequenos, a fim de subjugarem mais facilmente a classe dos trabalhadores. Um povo, assim como o individuo considerado isoladamente, não precisa, para gerir os seus negocios, de um patrono escolhido d'entre essa massa de pretendentes que sempre se lhe vêem oferecer. nem tambem tem necessidade de aceitar os que lhe envia uma providencia, qualquer que ella seja, sob a humilde apparencia de um rei, ou sob a pelle de um Nero.»

E que tal? Que seria da triste humanidade se gentinha d'esta laia podesse dictar leis!

Os odiosos attentados contra a vida do imperador Guitherme da Alemanha, e contra o filho e herdeiro do grande imperio, fizeram tocar a rebate e juntar todas as forças para atacar o famoso inimigo — o socialismo.

O snr. de Bismarck, em vez de empregar todo o seu prestigio para curar o mal em suas raizes, servindo-se das armas que lhe podia fornecer a Egreja, trata, pelo contrario, de empregar a força, e obrigar o imperador a caminhar sempre em meio de uma forte barricada, formada de soldados, policiaes, etc.

E' de todos bem conhecido o projecto de lei apresentado ao Reichstag e que deve, com pequenas alterações, estar convertido em lei. A cerca d'este projecto teem fallado os principaes oradores do parlamento, e um d'elles, o deputado Hasselman, subindo

á tribuna concluiu o seu discurso, com estas palavras:

«Apezar do voto da lei, o socialismo continuará a florescer. Elle vai recrutar a sua gente aos operarios famintos, aos empregados mal pagos, aos soldados fóra do serviço, aos invalidos que a sociedade calca aos pés, emquanto que enche os gèneraes de boas dotações. Depois da guerra, o principe de Bismark tornou-se grande proprietario, emquanto que o executor tira ao pobre soldado da reserva o seu pequeno soldo.

«A sociedade existente é a exploração do homem pelo homem. E' por isso que nós repellimos os vossos melhoramentos humanitarios, as vossas caixas de socorro, que não são senão meios de melhor corromper os operarios. Não faremos appello á insurreição; porém, se apontarem as bayonetas e os punhaes contra nós então apromptar-nos-hemos para nos defendermos. Como o principe de Bismark, nós não queremos viver em uma sociedade de salteadores. (Exclamações).»

Pela nossa parte julgamos que em lugar de canhões, de processos e de penas capitaes, melhor faria o chanceler do imperio em dar ampla liberdade aos bispos, em proteger o clero catholico e em varrer das escolas as más doutrinas que fizeram os assassinos dos imperadores. — Não sairemos da Allemanha sem narrar um facto altamente importante, que encontramos n'um jornal estrangeiro. E' nada menos que o ter o consistorio do principado de Rens annullado a nomeação d'um professor por este ser franc-macon!!

## EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

Ainda que temos de abrir uma secção, que denominaremos — *Revista critico-bibliographica* onde apreciemos as publicações que nos forem enviadas, ou de que tenhamos conhecimento, não obsta isso a que, sob o titulo de — *Edições de propaganda catholica*, abramos outra secção para n'ella transcrever o que a imprensa do paiz e do estrangeiro disser acerca das edições feitas pelo proprietario d'esta revista. Sendo ellas de reconhecida importancia, mas julgando a redacção pouco proprio fazer apreciações, que podiam ser tidas por menos conscienciosas, tomamos a deliberação de fazer nossas as apreciações dos nossos collegas a tal respeito.

BREVE CATHECISMO DO SYLLABUS — por Monsenhor Gaume. — *Approvada por S. S. o Papa Pio IX, e por muitos bispos estrangeiros* — *Unica edição*

*auctorizada: — Guimarães — Livraria de Teixeira de Freitas, editor — 1 folheto de 50 paginas — 80 reis.*

O *Commercio do Minho* de 28 de Setembro, publicou o seguinte acerca d'este folheto:

«BREVE CATHECISMO DO SYLLABUS. — Recebemos um opusculo, assim intitulado, de que é auctor o conhecido escriptor francez Monsenhor Gaume, e editor na lingua vulgar o snr. Teixeira de Freitas.

O nome do seu auctor devera servir já de sufficiente recommendação; mas ainda assim não nos dispensa de o recommendarmos com todo o empenho aos nossos leitores.

Apesar das suas cincoenta paginas apenas, insistimos em recommendar a todos a sua aquisição com mais instancia do que qualquer das obras mais volumosas d'aquelle ominentissimo escriptor catholico e que tanta acceção teem encontrado no publico.

N'este seculo tão fecundo em erros monstruosos e deploraveis preconceitos sobre os mais sãos principios e verdades religiosas, todos os paes de familia deviam fazer aquisição d'estes opusculos d'ouro para preservarem seus filhos do funestissimo contagio das deleterias doutrinas, adrede propinadas n'uma alluvião cada vez mais crescente de livros eivados, obscenos e impios.

Relevantes serviços sem par está fazendo ao paiz a livraria Internacional do snr. Teixeira de Freitas, em Guimarães, com a publicação de obras tão uteis e necessarias nas circumstancias actuaes: serviços tanto mais valiosos e superiores a todo o elogio, quanto é certo que aquelle indefesso editor não manchou ainda o seu acreditadissimo estabelecimento com obras que não fossem incontestavelmente orthodoxas e solidamente scientificas, taes como a *Maçonaria desmascarada*, o *Matrimonio*, por D. Joaquim de Toca, o *Liberalismo desmascarado*, *Os nossos bispos do continente*, a *Historia Popular dos Papas*, pelo insigne historiador francez J. Chantrel e outras.

O opusculo de que ora tratamos, approvado por Sua Santidade Pio IX, de saudosa memoria, e por muitos prelados estrangeiros, é, debaixo de muitos pontos de vista, como pela modicidade do seu preço de 80 reis, como obra de facil propagauda e propria para destruir preconceitos á juventude desvairada, ou para a preservar d'elles, superior a qualquer das supracitadas.

A'vante n'essa senda: ao menos abrigará a consciencia de ter contri-

buido com poderoso obolo para a regeneração d'este malaventurado paiz.»

HISTORIA POPULAR DOS PAPAS, DESDE S. PEDRO ATÉ NOSSOS DIAS — por J. Chantrel, traducção de Antonio José de Carvalho, com approvação de S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo d'Angra, e approvada e recommendada ao clero da sua diocese, por S. Ex.ª Rev.ª o Snr. Bispo do Porto. Guimarães, Teixeira de Freitas, editor.

Distribuiu o fasciculo n.º 11, contendo de paginas 81 a 160, do 2.º volume.

Conclue n'este numero uma das epochas mais importantes da historia do papado, que tem por titulo — *S. Gregorio VII e a independencia da Igreja*, e principia uma outra de não menos importancia sob a denominação de — *Os Papas e as Cruzadas*.

Do *Apostolo*, excellente jornal do Rio de Janeiro, transcrevemos o seguinte, que ácerca d'esta obra alli se publicou ao concluir-se o 1.º volume:

«LIVRO UTIL. — Está publicado já o 1.º volume da *Historia Popular dos Papas*, desde S. Pedro até nossos dias, por J. Chantrel, vertida da ultima edição franceza por Antonio José de Carvalho.

Anciamos pela conclusão d'esta obra importantissima, que fazendo mais conhecidos os successores de S. Pedro na Cadeira Apostolica, confunde o erro, restabelece a verdade e esmaga triumphantemente os ignorantes e os libertinos, que são os principaes e gratuitos inimigos dos Chefes da Igreja Catholica.

A obra de Chantrel, depois de concluida, terá uma grande extracção no Imperio, uma vez divulgado o seu conteúdo e reconhecido o seu grande merecimento historico e litterario.

A traducção e a publicação em vulgar da *Historia Popular dos Papas* pelo snr. Teixeira de Freitas, importa um serviço relevante prestado á causa da religião e da sociedade.

Entre nós falla-se muito do que se ignora. Se os que censuram levianamente o Papado, abrissem a Historia alguma vez, teriam vergonha de si mesmos, reconhecendo o triste papel que representam aos olhos dos que estudam e estão de posse da verdade.

A *Historia Popular dos Papas* fará bem a todos: aos que sabem e aos que ignoram. Aos primeiros fará recordar o que já leram, e aos segundos fornecerá lições uteis, opportunas e capazes de os converter ao gremio do Catholicismo, do qual se affastam, com

a negação dos dogmas e desobediencia aos Summos Pontifices.

E' de taes obras que muito carecemos na actualidade.»

## EXPEDIENTE

Aos snrs. assignantes do «*Progresso Catholico*», e aos cavalheiros a quem dirigimos o primeiro numero.

Haviamos annuciado que o *Progresso Catholico* seria distribuido em folhas de 16 paginas mensalmente, e quinzenalmente, logo que se elevasse o numero das assignaturas. Resolvemos antes publical-o já em folhas de 8 paginas quinzenalmente, e quando tivermos numero sufficiente de assignantes, publical-o-hemos semanalmente em folhas d'oito paginas. Julgamos que nos louvarão os nossos assignantes.

O primeiro numero do *Progresso Catholico* é distribuido aos cavalheiros que, acudindo ao nosso pedido, nos enviaram logo a sua assignatura, e não só a esses, mas a todos os snrs. assignantes da *Historia dos Papas, do Liberalismo desmascarado*, que não assignaram ainda, e a todas as pessoas que se tem dirigido ao editor.

Aos primeiros agradecemos o favor da promptidão com que satisfizeram ao nosso pedido e imploramos desculpa da demora que houve na publicação do primeiro numero, não esquecendo de agradecer em especial áquelles que nos promoveram assignaturas.

Aos segundos pedimos desculpa por lhe enviarmos o presente numero, sem que a isso nos authorisassem e pedimos-lhe as suas assignaturas, bem certos de as obteremos porque conhecemos os sentimentos catholicos de todos a quem nos dirigimos.

Esperamos contal-os a todos no numero dos assignantes da nossa Revista, e não só isso, mas serão até nossos auxiliares para propagar esta publicação por toda a parte, pois que, é da sua

propaganda que depende o futuro auspicioso que lhe agouramos e que esperamos, com a crença que nos anima, ver realiado.

Que não é o interesse material que nos anima, bem alto o diz o preço da assignatura — 600 réis por anno, incluindo os portes do correio!

Não é grande o sacrificio que pedimos aos catholicos portuguezes e mesmo sem sacrificio esperamos publicar ainda a nossa Revista semanalmente.

Que Deus abençoe os nossos esforços e boa vontade, e tudo correrá como desejamos

A's pessoas que não pagarem a assignatura antes da publicação do 2.º numero, não lhe será este enviado.

Aos snrs. assignantes do *Liberalismo desmascarado*.

Pedimos desculpa da demora que tem havido com a distribuição do 2.º volume, demora motivada pelas muitas alterações que se lhe tem feito para que os ultimos acontecimentos ali occupem um lugar importante.

Apesar d'isto está em mais de 400 paginas e esperamos em breve distribuil-o.

Creiam, porém, os nossos assignantes que nada tem perdido com a demora.

Aos snrs. assignantes da *Historia dos Papas*

Rogamos aos snrs. que estão em divida o favor de mandarem pagar com regularidade as cadernetas que forem recebendo, pois que da iraregularidade do pagamento depende, em grande parte, a morosidade com que é feita esta publicação.

Qualquer quantia deve ser enviada em vale do correio e não em estampilhas que muitas vezes se extraviam.

O editor, *Teixeira de Freitas*.